

UMA LEITURA LÚDICA DE TAVERNARD COM SONOPLASTIA, INTERVENÇÕES DE ALENCAR, CASEMIRO E BILAC, PARTICIPAÇÃO ESPECIAL DO REI MARC DAS CORNUÁLIAS E FINAL LACRIMOGÊNICO DE EUSTACHIO DE AZEVEDO.

J. Arthur Bogéa

Professor e pesquisador do Museu da Universidade Federal do Pará

Prometo escrever sobre Antonio (de Nazareth Frazão) Tavernard [1908 -1936], para este número de Asas da Palavra. Disponho do exemplar *Obras Reunidas de Antonio Tavernard – Volume I: Poesia – Edição Comemorativa de Cinquentenário da morte do saudoso escritor conterrâneo* [1986], edição do Conselho Estadual de Cultura.

O livro está dividido em Místicos e Bárbaros⁽¹⁾ - já publicado pela Academia Paraense de Letras [1953], *Poesias Recolhidas de Revistas e Jornais*⁽²⁾ *Poesias Inéditas*⁽³⁾ e *Poemas Musicados pelo Maestro Waldemar Henrique*.

São três as palavras chaves do poeta:

<i>mãe</i>	Uma voz, um destino ⁽¹⁾ [p. 98] Mãe e Rainha ⁽²⁾ [p. 181] Lacrimário ⁽³⁾ [p. 244]
<i>seio</i>	Danação ⁽¹⁾ [p. 97] Posse ⁽²⁾ [p. 165] Exaltação ⁽³⁾ [p. 217]
<i>boca</i>	Lábios Malditos ⁽¹⁾ [p.106] Não Importa ⁽²⁾ [p.131] Carta ⁽²⁾ [p. 212]

[a exemplificação está simplificada] sou tentado a ir por aí, armadilha de uma leitura psicanalítica que leva ao muito fácil – renuncio. Tavernard é também o poeta dos *sinos*: *Sinos da Minha Ermida* ⁽¹⁾ [p. 73], *Quando a Saudade Acorda* ⁽²⁾ [p. 186]; *Velhos Sinos* ⁽²⁾ [p. 220]: presentes em *Como Eu Quero Morrer* ⁽³⁾ [p. 229]: *Sob a reza dos sinos, num crepúsculo*.

Há um Tavernard com as cores locais, *cântico da terra – Exaltação* ⁽¹⁾ [p. 67], e *Ecos Selvagens* ⁽²⁾ [p. 101] – todo poeta devia escrever cem vezes “eco é cacófato”; entretanto não vou limitar o poeta a um folclore do Norte esse poeta que agora faz parte de *O Suave Romance dos Ausentes* ⁽²⁾ [p. 164], me deixa em testamento os versos de *Roteiro Humano* ⁽¹⁾ [p. 90]: *Toma ou teu sonho e vai!* *O Caminho, diz, é um Estirão de Melancolia* ⁽²⁾ [p.168], e nele, Tavernard inscreve a única rima toante da língua portuguesa: água/magoa: Saudade – canção de mágua /que o vento sussurra à água. Um poeta que se passa por “fingidor”: *Mente, poeta! A vida apenas vale pela mentira que nos faz feliz – Mente Poeta* ⁽²⁾ [p. 137].

Esta edição das poesias de Tavernard parece ter sido apressada. Os organizadores se contentam em pôr um (?) no meio ou no final do verso quando a palavra é de difícil leitura, como em *Alba* ⁽²⁾: *Nasce o (?) nome. E, neste, canta/ (?) harmonia ideal (?)*. Penso numa arqueologia do teatro, fazer um levantamento das palavras mais recorrentes do poeta; obedecendo a métrica é possível saber a palavra certa no início ou meio do verso, pela rima, no final. Assim estariam preenchidas as lacunas, versos inteiros, estrofes completas: a poesia restaurada.

Mas, o acervo de Vicente Sales me ofereceu uma surpresa, entre outras mais, há um exemplar do livro *Fêmea* [1930] - único publicado em vida por Tavernard, reúne contos, e uma peça em um ato: *O Velho Ninho*, onde uma adúltera se chama Pureza. A capa, para a época, é audaciosa: a mulher, nua de costas, na ponta dos pés, braços erguidos para o sol – elemento masculino, tem como cenário o rio e a mata, então, o que não posso ver está refletido nesses

signos, isto, além das duas árvores que emolduram a fêmea, uma moldura ovalada. O autor da ilustração é Reinoso.

Vou ao conto que dá título ao livro e começo a escrever *Uma leitura de Tavernard*. Entretanto volto para a fotografia do poeta, incluída no volume do Conselho Estadual de Cultura: não parece alto - a média do paraense, belo porque é jovem e encara a lente da máquina com mais desafio que sorriso, tudo se concentra no olhar. Releio a Apresentação de Maria Annunciada Chaves: “O Dr. Adriano Guimarães, conceituado médico paraense, seu contemporâneo no vetusto Ginásio, salienta-lhe o gosto pelo esporte sobretudo pela luta livre, que introduziu entre os alunos do “Paes de Carvalho” organizando torneios movimentados, cujo objetivo principal era cultivar o físico dos estudantes e neles desenvolver o espírito de camaradagem, a competição sadia, o tão falado *mens sana in corpore sano*, época em que a ginástica não figurava nos currículos do segundo grau”. [1986: 15]

Reparo agora no que “sua última fotografia” me oferece: os músculos se comprimem sob o terno que usa, anatomia revelada pelos frisos do tecido, (a perna esquerda levemente dobrada), talvez por isso tenha seguro o chapéu em

frente ao sexo, como se estivesse nu, apesar da roupa *plasmado em harmonia/tatuado de sol, com música nos lábios. /A beleza o vestiu, a riqueza lhe deu o seu escudo de ouro. /Ele fugiu da lenda para o mundo, /mármore feito carne. /ritmo feito “eu” – O Último Semi-Deus (1) [p. 103).*

Diante da foto do atleta que a hanseníase corroeu – *mármore feito carne*, – subitamente, um depoimento oral de Célia Bassalo me volta à memória: “No estágio avançado da doença, papai contava, ele recebia os amigos sentados na contraluz” – *tutuado de sol/escudo de ouro*, “não queria que as pessoas notassem as deformações que já apareciam, era uma forma de se resguardar” – *plasmado em harmonia*.

“No último carnaval que ele viveu” - Célia

Bassalo intermeia a narrativa com o poético, “pediu ao papai: Machado [Coelho] me leva para passear” – *fugiu da lenda para o mundo*. Foi feita uma fantasia de Pierrô, certamente por dona Marietta, a mãe, acostumada aos figurinos que as pastorinhas que o seu Othílio, o pai, montava, exigiam. Tavernard sai com Machado Coelho para dar uma volta por Nazaré. A roupa larga (mais luvas e máscaras) – *A beleza o vestiu*, esconde os traços da doença – com música nos lábios, o poeta carnaliza a própria dor e se transfigura em alegoria, como em *Fim de Carnaval* [p. 333] – poema musicado por Waldemar Henrique: “*sob a angústia da mágoa que a devora / Pierrô se abraça a sua handurra/chora*”.

Dona Marietta desempenha um papel importante na vida – e na morte do filho

É seu irmão quem me descreve a sua morte ocorrida inesperadamente, na manhã de 2.5.36: Estava em casa, no 'Retiro S. Benedito', no quarto para ele reservado, no fim da puxada. Aparentemente, nenhuma alteração em sua saúde. De repente, ouviu-se um grito lancinante - Mamãe! De pé à porta do quarto, Tony gritava, angustiado, e estendia as mãos em busca de socorro. Caiu nos braços de nossa mãe, que corra a ampará-lo e neles exalou o último suspiro, fulminado por um colapso cardíaco. Imersa em profunda dor, morreu ela depois de seis meses do filho sofredor, como se vivesse em função dele, inteiramente dedicada a assisti-lo, a consolá-lo, com extraordinário desvelo, nisso exaurindo todas as suas forças'.

Lado a lado, no Cemitério de Santa Isabel, repousam mãe e filho, unidos na morte como na vida.

Maria Anunciada Chaves

Apresentação

[in *Obras Reunidas de Antonio Tavernard*]

Facilmente o Tavernard-ficcionista se confunde com o Tavernard-poeta. Quem sobrevive, sem ser apenas referência a uma literatura que se faz na primeira metade do século? É um Autor de transição na literatura do Pará que se impõe nacionalmente a partir de Inglês de Souza [1853 – 1920] e José Veríssimo [1857–1916] e as publicações da atualidade. O importante é não situar Tavernard apenas como uma peça com que se reconstitui uma tradição local.

Como ler hoje Tavernard-ficcionista? Proponho então **Uma leitura Lúdica de Tavernard**, a que sou levado pelos recursos que o Autor retira dos sons da natureza, para as emoções que quer emprestar às suas **dramatis personae**:

“pipilos, chilros e trinados - 1 [p. 20]

“uivar do vendaval, o crepitar dos vetios da floresta” - 2 [id.]

“o fervilhar alteado do ribeirão vizinho” - 3 [ib.]

todos estes textos tirados do conto **Fêmea**, fazem voltar à era do rádio e propor uma análise mais abrangente = **Uma Leitura Lúdica de Tavernard com Sonoplastia...** e adequar a sonoridade de cada frase a uma situação relativa à personagens:

Sonoplastia: - 1

FLÁVIA

“Era linda e estranha. Alguma coisa de místico e sensual, tal o seu sorriso. E a boca e os olhos, os seios, os gestos, toda ela enfim, um meio termo entre santa gótica e hetaira moderna, figura de vitral e commère de cabaret, Santa Cecília e Frou-Frou D’Anclos”. [p. 9]

MUNDICA

“Sim, aquela mulata, a mais linda do Mosqueiro, aquela tentação de seios túrgidos e atrevidos, boca polpuda e roxa de cará”. [p. 28]

vestuário

“véstias fidalgas cingindo-lhes as formas perfeitas”. [p. 71]

vistosa, numa saia de chitão encarnado.” [p.id.]

“Flávia e Mundica são, cada uma no seu meio, as *femmes fatales* dos contos **Fêmea** [p. 7] e **A Lição da Faca** [p. 27], respectivamente

Sonoplastia - 2, para referências à Mundica:

“Quantas vezes, uma mulher - chame-se ela Mundica ou George Sand tenha por amante um Anacleto ou um Musset, rescendendo a bogari ou a Kananga, entrajando chita ou farfalhando sedas - não vai, num segundo, depor, nos lábios de um homem, o beijo que, durante horas internas, guardava para a de outro?!...”. [p. 33]

Sonoplastia - 3, ainda à Mundica:

“Incoerente?... caprichosa?... histérica?... louca?... Não. Mulher”. [p. 33]

Eustáquio de Azevedo [1867-1943] - que só entra em cena no final do texto, afirma em **Literatura Paraense** [1990] que Tavernard “Deixou-nos [...] apenas um livro de prosa naturalista e poesias esparsas” [1990:149]; estudante do primeiro ano de Direito certamente Tavernard conhece a teoria de Lombroso e, leitura corrente à época, a **Psicopathia Sexualis** de Krafft-Ebbing. O tema da mulher fatal que toma corpo na maioria dos contos deste painel ficcional é herança do romantismo que o naturalismo leva à ciência médica. Essa herança em Tavernard mantém acentuada característica do “Perfis de Mulher” de José de Alencar [1829-1877]; aumenta a abrangência desta análise uma vez que mulher/natureza estão intimamente associadas = **Uma Leitura Lúdica de Tavernard com Sonoplastia, Intervenções de Alencar...**

“Era hora em que, da morte do dia, nasce a vida da noite. O acaso e o nascente, um penumbrado pelo sol em agonia, o outro argentado pelo luar recém-vindo, pareciam duas flores maravilhosas - violeta e magnólia - ligadas pela longa corrente diamantina que o estelário desenrolara de um horizonte a outro” [idem]. Casemiro de Abreu [1839-1860] assinaria embaixo.

= **Leitura Lúdica de Tavernard com Sonoplastia, Intervenções de Alencar, Casemiro...**

O ficcionista-poeta ou o poeta-ficcionista (difícil dizer quem vem primeiro), mostra que está imbuído do verde-amarelismo de Olavo Bilac [1865-1918] em algumas passagens referentes à natureza:

“desdobrando a áurea toalha do milharal embonecado, [...] ao lado da faixa verde-escura do mandiocal viçoso”. [p. 8]

= **Uma Leitura Lúdica de Tavernard com Sonoplastia, Intervenções de Alencar, Casemiro e Bilac ...**

A estas influências de autores nacionais, devem ser considerados ainda os escritores citados em **Eu Sou Um Homem Esquipático** [p.169] - onde aparece Hércio de Almeida Pontes - sugestivo o último sobrenome, alter ego de Tavernard:

“Se versejasse, seria satânico como Beaudelaire e, das minhas mãos, como de um canteiro estrumado de loucuras, brotariam ramalhetes de ‘flores do mal’. Entretanto, já que Orfeu não me emprestou sua lira, admiro Virgílio, Teócrito, Bernardin e todos os bucólicos ingênuos” . (p. 170)

Neste mesmo conto, Tavernard faz uma sátira ao naturalismo que certamente Eustáquio de Azevedo não leva em consideração:

Escrevi dois romances naturalistas. Um psicológico, o outro, fisiológico. O primeiro era, em tudo e por tudo, uma perfeição (sou dos que classificam a excessiva modéstia apanágio dos medíocres), o segundo para a minha insuspeita opinião de autor, não valia nada. Publiquei-os sob os sugestivos títulos de ‘O Corpo’ e ‘A Alma’, respectivamente. Pois bem! A crítica raziou o primeiro e alçapremeu o segundo. O que era moral e moralizava deu-me prejuízo. O que porejava realismo fescenino trouxe-me para a bolsa alguns contos de réis. Ah! A falência dos Catões e o sucesso dos Arentinos!... ” [id.]

As narrativas de **Fêmea** podem ser distribuídas em três segmentos: o regional como **O Milagre do Rio** [p. 96] em que traça a saga de um nordestino para os seringais da Amazônia e **O Justiceiro** [p. 85] onde a floresta e os mitos ajudam a vingança do marido abandonado, poderia ser enquadrado também, ao lado de **As Três Horas de Agonia de Felícia** [p. 107] na temática dos crimes passionais, com a belíssima metáfora da “*flor de fogo*” para o ciúme.

Outros contos, como o já citado **Eu Sou Um Homem Esquipático** [esquisito + antipático], podem ser considerados urbanos: **A Sinfonia de Prometeu** [p. 23], em que fala de Cristo – “o criador da Missa Eucarística” e Beethoven [sic] “compositor da Missa em Ré”, e a religião e a arte têm o mesmo poder milagroso. **O Preço do Dever** [p. 37] é um relato previsível desde o início, para o médico que atende ao paciente enquanto “O tiroteio durava há já três horas. E, desde a véspera, à noite, Belém se encolhia, presaga e temerosa, sob o guante da revolução”. **O Crime do Dogma** [p. 77] traça um quadro local do celibato quebrado pelos “coitos mais que higiênicos”, de um sacerdote que condena a luxúria. - ? - tem como cenário o bairro de Canudos e o poder de rezas misteriosas. **O Melhor Presente** [p.149] é uma

versão ambígua do filho pródigo, em que a figura paterna é substituída pela mãe. **Uma Noite Trágica** [p. 57] é de todos os contos reunidos o que pode ser incluído numa antologia, ao lado de escritores atuais, marcado por um total amoralismo e requinte de sadismo.

Há os contos proletários, até com uma certa visão positivista da evolução sem revolução, prejudicada pelo determinismo da raça propensa ao alcoolismo; ficam neste tema **De Que Morreu 'Manduca Lambão'** [p. 43] e **A Visão Convincente** [p. 115]. Toda classificação é incompleta, por isso **Dentro da Noite** [p. 115] fica à margem de todos os outros, com uma visão atual do sistema de manicômio e do louco: "*o homem que saíra da vida e não entrara na morte*; e à categoria da loucura teria que juntar a esse, os já citados **As Três Horas de Agonia de Felícia** (ironia do nome da personagem), **O Justiceiro** [p. 85] e **Ri Quem Pode** [p. 69].

Candoca de **Ri Quem Pode** e Joana de **O Justiceiro** também podem figurar no painel que tem como figura central a *belle dame sans merci*.

"Como um artigo de enciclopédia, este capítulo poderia começar com uma constatação das mais óbvias" - diz Praz na introdução de **A Bela Dama Sem Misericórdia** - Sempre houve no mito e na literatura mulheres fatais, porque o mito e a literatura só fazem espelhar fantasticamente aspectos da vida real e a vida real sempre ofereceu exemplos mais ou menos perfeitos da feminilidade prepotente e cruel. Por isso, inútil recuperar o mito de Lilith, das fábulas da Hárpia, da Sirene, da Górgona, da Cila e da Esfinge, ou dos poemas homéricos". [1996: 179]

Tanto em **Fêmea**, como em **A Lição da Faca**, Flávia e Mundica são a representação da mulher fatal, e perigosa, porque é delas que parte a iniciativa:

FLÁVIA

"no meio do quarto, sobre um tapete húngaro, aos reflexos suaves de um abat-jour-azulado, o corpo nú, alvi-rosa de Flávia se enroscava, aos coleios, como uma serpente de nácar e jade reptando por um pau-d'arco caído, ao bronzeado e musculoso capataz Graciano"

MUNDICA

*"Psiu !
O chamado furou o silêncio, macio como um alfinete embebendo-se em crepe.
- Psiu! Zeca...
[...] Um vulto de mulher [...] descia, cauteloso, a escada da ponte em que o barco estava preso
[...] o vulto saltou para dentro.*

O moço quis falar: Não pode. Um perfume mórbido de pripioca e dois braços nervosos envolveram-no, enquanto na sua boca seca, dois lábios úmidos e agridoces como muitas frutas amassadas esmagavam-se, sugando..." [p. 32]

Surge uma figura anônima neste painel, em **Aquela Mulher...** [p. 51] síntese de Flávia e Mundica "*talento polimorfo [...] uma das mais complexas ninfornanlacas, legítima cratera de furor uterino*"; um casamento entretanto a redime, "*uma senhora impecável*"; uma citação de Pöe [1809 -1849] amplia o universo de influências de Tavernard. Em **A Prova Suprema** [p. 137] o vampirismo é manifesto, na figura do médico que atende a ex-namorada, Célia Maria, tuberculosa "*no terceiro grau*" [...] "*esquecendo de todo o mal que aquela mulher lhe fizera, sem receio de contágio, beijou-lhe os lábios raiados de sangue*". Em **Renúncia** [p.125] a mulher interroga: "*Sabes o que é o amor de prostituta?*" para apresentar a metáfora forte e cruel da árvore da macenilha. **A Vertigem** [p.161] apresenta uma curiosidade entre todos os contos é apresentado como "*Fragmento de romance*".

... mas, e a **Participação Especial do Rei Marc?** - vem a seguir:

O final de *A Lição da Faca* é uma 'versão' sertanista do encontro do rei Marc com os amantes, n' *O Romance de Tristão e Isolda*; certamente, uma obra, numa de suas inúmeras variantes desde o século XII, conhecida de Tavernard; o cotejo aqui é feito com a adaptação de Bédier:

"Entrou no barco. Viu os dois. Não quis acreditar nos olhos Agachou. A respiração do par adormecido bafejou-lhe a pele esbraseada... Curvou-se mais ainda como querendo descobrir, nas linhas daqueles rostos cansados, vestígios dos beijos dados e recebidos dos beijos roubados ao seu amor".
[p. 33]

O rei [...] penetrou sozinho sob a cabana, a espada desembainhada, e ergueu-a ... [p. 70]

claro que o Autor paraense adaptou a passagem de Tristão e Isolda para o cenário local: 'rei' / 'pescador', 'cabana' / 'barco' e 'espada' / 'faca'.

"Os dedos febris crispam-se no cabo da faca. Sacou-a da bainha encorada. Brandiu-a no ar, mas não feriu. É que, de súbito brotou-lhe na consciência a certeza de que ele não tinha o direito de fazer 'aquilo', pois a ela fora dada a liberdade de escolha, pois que legitimamente podia rejeitá-lo. [p. 71]

Seria um grande pecado feri-los [...] Mas farei com que ao despertarem, saibam que os encontrei dormindo e que não quis a sua morte e que Deus teve compaixão deles" [p.34]

a atitude de Anacleto se baseia - o que é surpresa, pela maneira como Tavernard simplifica a psicologia dos personagens - num direito de escolha, enquanto a atitude do rei Marc está impregnada de um direito divino de que a realeza é continuadora;

"Baixou a arma, lentamente, depositando-a, com cuidado, sobre o seio da mulher". [id.]

"Em seguida [...] colocou a sua [espada] em seu lugar, saiu da choça". [id.]

a faca entre os seios é mais simbólico do que a fruta da 'mancenilha' e mais emblemático, porque é a transferência da masculinidade para a mulher.

"O Zeca despertou, olhou a companheira, e viu a faca sobre o seio, como estranho lagarto de prata entorpecido entre dois frutos-bronzeados". [id.]

"- Sire, que desgraça sobre nós! O rei surpreendeu-nos". [p. 72]

e é essa transferência de 'poder' para a mulher que causa a surpresa de Zeca, mais que a ameaça da morte próxima como teme Isolda; interessante notar que o foco da narrativa é desviado, pela fala, de Isolda para Zeca;

"Olharam-se e, comovidos, compreendendo a muda e eloquente lição do perdão que lhes dava, paradoxalmente, aquele instrumento" de vingança, ele curvou a cabeça e ela chorou".
[p. 35]

"Voltará, mandará lançarem-nos a fogueira diante de todo o povo. Vamos fugir!..." [id.]



enquanto os nobres amantes da Idade Média temem a vingança real, Zeca e Mundica interpretam a 'lição' como símbolo do amor e despreendimento de Ánacleto.

Em tempo: **sertanista** é como Eustáquio de Azevedo nomeia uma escola literária sem dar maiores explicações; agora o estudo está completo = **Uma Leitura Lúdica de Tavernard com Sonoplastia, Intervenções de Alencar, Casemiro e Bilac, Participação Especial do Rei Marc das Cornualhas e Final Lacrimogênio de Eustáquio de Azevedo:**

Azevedo, naquele estilo todo característico de um autor e sua época, escreve mais tristemente sobre Tavernard que todas as elegias do próprio poeta:

"Fatal destino o dos brasílios vates', este verso, de Fagundes Varela, pode ser aplicado com bastante propriedade a Antonio Tavernard poeta paraense que 'o tempo, sem parar, não deixou de suspirar ao menos'!

O seu destino foi sofrer; a sua curta existência foi dolorosa, cheia de agonias e mágoas, muito embora suavizadas pelo imenso amor de seus pais, incansáveis em lhe confortarem, fazendo-lhe [sic] todas as vontades. A felicidade porém sempre lhe fugia, como as miragens, no deserto.

Estava condenado pelas forças do Destino, a desaparecer como as rosas, numa existência de três dias.

Atingido por cruel enfermidade, - na puerícia ainda, que lhe tolhera a carreira no 1º ano de Direito, ele, como um aerolito, após luminoso rastro, desapareceu entre nós...

Sem ilusões, descrente da vida, sabendo que ia morrer, - chamou a Eleita de seu coração e soltou o seu Canto de cisne dolorido...

Deixou-nos, como lembrança de sua passagem pelo planeta, apenas um livro de prosa naturalista e poesias esparsas.

Faleceu no dia 2 de maio de 1936" . [1990: 149]

Obras Consultadas:

- AZEVEDO, José Eustachio de *Literatura Paraense*: Belém. Secult, 1990.
- BÉDIER, Joseph - *O Romance de Tristão e Isolda*. Trad. Luís Cláudio de Castro e Costa. São Paulo, Martins Fontes, 1995.
- PAGLIA, Camille - *Personas Sexuais*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo, Companhia das Letras, 1992
- PRAZ, Mário - *A Carne, a Morte e o Diabo na Literatura Romântica*. Trad. Philadelpho Menezes. Campinas, Unicamp, 1996.
- SPALDING, Tassilo Orpheu - *Dicionário de Mitologia*. São Paulo, Cultrix. 1991.
- TAVERNARD, Antônio - *Fêmea*. Belém. Instituto Lauro Sodré, 1930.
- , *Místicos e Bárbaros*. Belém: APL, 1953.
- , *Obras Reunidas*. Belém, Conselho Estadual de Cultura, 1986.

